

O fascínio de uma concha

Humberto Aragão

Chamavam-na carinhosamente Lisa, apelido familiar usado para enredá-la numa disposição de ser amada, numa predisposição de ser feliz. Tinha olhos e cabelos negros, contrastando com a brancura de uma pele não acostumada ao banho de sol. O rosto, grácil, escondia uma tristeza infinita que lhe invadia a alma. Inteligente e perspicaz, observava a vida com olhos de recuo, almejando tornar-se um barco à deriva sem porto de destino.

Há pessoas para as quais a vida sorri muito raramente. Ela era uma delas. Até as cores de sua roupa e a disposição de ser sozinha faziam que assumisse uma fisionomia entristecida. Os óculos eram uma barreira para quem tivesse a pretensão de divisar o seu olhar. Tímida, abaixava o olhar para esconder qualquer tentativa de desvendamento.

O sofrimento sufocava-lhe a esperança de ser feliz. Visão perdida em devaneios escondidos, talvez sonhasse com o nascer do sol fazendo despertar os amanheceres.

Foi na praia que a vi pela primeira vez. Pés descalços, chutava a água do mar, borrifando de forma frenética a areia ressequida pelo calor intenso da manhã de verão. Subitamente, deparou-se com uma concha que as ondas lançavam à orla marítima, agachou-se para apanhá-la e uma alegria singular estampou-se na face. Parecia ter achado um tesouro.

A concha, na sua simplicidade, projetou rajadas de diferentes cores no seu rosto. Caminhei em sua direção. Olhava-a, era ela. Olhava-a e não era ela, e olhando-a novamente era ela outra vez. Fiquei pensativo. Sonho ou realidade? O que estaria por trás dessa alteridade, dessas duas fisionomias que compunham uma única face ou uma só essência? Os cabelos negros transformavam-se em castanhos para, em seguida, retornarem à cor anterior. A maré subia, as águas começavam a esparramar-se, não havia tempo a perder, era necessário alcançar o outro lado.

Diante de mim, sua beleza inconfundível de mulher e fada, os seus cabelos negros (ou eram castanhos?), penteados para trás com uma tiara a prender-lhe os cachos volumosos, emolduravam seu rosto encantador.

Percebendo a minha presença, virou-se abruptamente, contemplou-me fundo nos olhos e entre fantasia, sonho e realidade, depositou nas minhas mãos a concha cromática. E eu, desprovido de qualquer resistência à imantação de seu gesto, sem que me conscientizasse do enlevo daquele instante, vi-me eternamente prisioneiro de um coração.